

## Sujeitos 'outros' na Literatura Brasileira: releituras e reinterpretações

*'Other' subjects in Brazilian Literature: re-readings and reinterpretations*

**LAURA VALERIO SENA**

Graduanda de Letras da Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: [lauravalerio.sena@gmail.com](mailto:lauravalerio.sena@gmail.com)

Orientador: Prof. Doutor Anselmo Peres Alós

---

**Resumo:** Com esta resenha, objetiva-se analisar o livro *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*, de Anselmo Peres Alós, publicado em 2017 pelo PPG-L Editores/CNPq. Na obra, o autor apresenta, com foco no cenário latino-americano, análises de narrativas literárias e filmicas através da mescla de teorias dos estudos literários, estudos de literatura comparada, estudos de gênero e teoria *queer*, e de temáticas que discutem subalternidade, raça, etnia, gênero, desejo sexual e marcas de alteridade. O volume aborda escritos sobre sujeitos "outros", com identidades não hegemônicas, representados e construídos através de mecanismos sociais e discursivos, tais como a literatura e o cinema, a partir de estudos expandidos de textos realizados anteriormente pelo autor, entre 2001 e 2014.

**Palavras-chave:** Identidades não hegemônicas. Raça. Gênero. Sexualidade. Literatura comparada.

**Abstract:** This review aims at analyzing the book *Counter-readings of the Brazilian narrative: intertextual networks of gender, race and sexuality*, by Anselmo Peres Alós, published in 2017 by PPG-L Editores/CNPq. In this work, the author presents, with a focus on the Latin American scene, readings of literary and film narratives through the mixture of theories of literary studies, studies of comparative literature, gender studies and queer theory, and themes that discuss subordination, race, ethnicity, gender, sexual desire and alterity marks. The volume addresses writings about "other" subjects, with non-hegemonic identities, represented and constructed through social and discursive mechanisms, such as literature and cinema, based on previous studies carried out by the author, between 2001 and 2014.

**Keywords:** Non-hegemonic identities. Race. Gender. Sexuality. Comparative literature.

---

O autor de *Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade*, Anselmo Peres Alós, possui Doutorado em Letras (2007) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e, atualmente, é Professor Associado na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Também é autor do livro *A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano*, publicado pela Editora Mulheres em 2013, e organizador dos livros *Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de AIDS* e *Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade* (realizado em parceria com Renata Farias de Felipe e Andrea do Roccio), ambos publicados pelo PPG-L Editores/CNPq em 2017.

Segundo Mary-Louise Pratt (1995), a literatura comparada aparece como um sopro de esperança, um espaço que se propõe a abranger e cultivar “o multilinguismo, a poliglossia, as artes da mediação cultural, a compreensão cultural profunda e uma genuína consciência global” (p. 62) em tempos de diásporas e exílios transnacionais de escala mundial, produzidos por diversos conflitos, sejam eles étnico-raciais, de intolerância religiosa ou baseados nos novos fundamentalismos. Destarte, no livro aqui resenhado, Alós (2017) apresenta, com foco no cenário latino-americano, análises de obras literárias e fílmicas através da mescla de teorias dos estudos literários, estudos de literatura comparada, estudos de gênero e teoria *queer*, e de temáticas que discutem subalternidade, raça, etnia, gênero, desejo sexual e marcas de alteridade. Com estudos expandidos de textos realizados anteriormente pelo autor, entre 2001 e 2014, o volume aborda escritos sobre sujeitos “outros”, com identidades não hegemônicas, representados e construídos através de mecanismos sociais e discursivos, tais como a literatura e o cinema.

A obra inicia com discussões acerca do etnocentrismo e do patriarcalismo presentes no discurso de lógica hegemônica e como esse discurso constrói papéis de gênero e raça, e conseqüentemente, estereotipa subjetividades que não aquelas brancas, masculinas e pertencentes às classes economicamente favorecidas. Nos dois primeiros capítulos, discute-se a percepção do projeto da identidade nacional brasileira, construída a partir da literatura do século XIX. Mostra-se que, enquanto a própria história literária tradicional associa a representação de uma identidade nacional a uma homogeneidade excludente, a literatura de autoria feminina, entendida como artefato cultural — ato socialmente simbólico —, aparece na contracorrente das narrativas tradicionalmente tomadas como representativas, pois recupera a perspectiva de subjetividades “outras” dentro do discurso, mostrando como a identidade nacional não é única, denunciando a violência física e simbólica sofrida pelos sujeitos não hegemônicos (principalmente os povos indígenas, afro-brasileiros e as mulheres) durante o processo colonial, patriarcal e escravocrata. O autor ressalta, ainda, que o silenciamento imposto a essas autoras do século XIX acabou negando-lhes oportunidades para produzirem e publicarem um vasto capital simbólico — e a construção de obras que estereotipavam sujeitos “outros” negavam, e ainda negam, a possibilidade de qualquer tipo de representação que não o estereótipo.

Continuando o recorte de classe social e raça dentro da temática do feminismo, no capítulo seguinte, Alós (2017) analisa a novela *Parque industrial*, de Patrícia Galvão (Pagu), publicada em 1933. Na obra ficcional, Pagu apresenta e critica o que poderia ser chamado de certo “feminismo ingênuo”, criticando a despreocupação do movimento feminista burguês brasileiro da década de 1930 em abordar questões como a condição social das mulheres proletárias e/ou negras. Desse modo, Alós (2017) comenta que releituras de propostas estéticas como a apresentada em *Parque industrial* auxiliariam na descolonização do imaginário relativo à cultura nacional. A busca dos textos de escritoras esquecidas pela crítica tradicional e a mudança nas estratégias interpretativas que são utilizadas para ler essas obras possibilitariam a sua ressignificação “de maneira a redimensionar a compreensão não apenas dos escritos de autoria feminina, mas também da própria noção de cultura que vem sendo mobilizada pela crítica literária na contemporaneidade” (ALÓS, 2017, p. 83).

Nos capítulos “Literatura e intervenção política na América Latina: Rigoberta Menchú e Carolina Maria de Jesus” e “Histórias entrelaçadas: redes intertextuais em narrativas afro-brasileiras”, dá-se seguimento ao estudo do papel da crítica literária feminista, apontando-se como o trabalho dessa crítica encontra dois problemas de gênero. O primeiro problema diz respeito ao gênero como construção de identidades sociais, femininas e masculinas, que propiciam o silenciamento de escritoras latino-americanas. Já o segundo trata dos gêneros literários, especialmente os gêneros considerados “menores” pela crítica tradicional, aos quais as mulheres se dedicaram ao longo dos séculos XIX e XX, como a autobiografia, a narrativa memorialista, o diário e demais textos literários marcadamente confessionais. As obras analisadas nesses capítulos configuram-se como narrativas que conciliam a elaboração artística com a intervenção política, sob o ponto de vista de uma escrita feminina consciente que busca questionar e desafiar a história oficial proposta pelos cânones, a fim de visibilizar e legitimar vozes silenciadas. Alós (2017) explicita, baseando-se em Eagleton (1976, 1993) que, quando se coloca em discussão as relações entre política, literatura e cultura, há, nos interstícios do que entendemos por “qualidade estética”, uma ideologia – “conjunto de valores e pressuposições que legitima uma modalidade de produção cultural em detrimento de outras” (ALÓS, 2017, p. 19) – que compactua com as produções hegemônicas de beleza, harmonia e plasticidade, assim “para novos conteúdos e novas temáticas, novas formas e novos gêneros narrativos são necessários” (p. 86).

Em vista disso, essas autoras (cito, a título de exemplo, Rigoberta Menchú, Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis e Conceição Evaristo) elaboram um discurso de denúncia e resistência a uma experiência de opressão e/ou exclusão individual, através de escritos dotados de um caráter documental e de um traço de ficcionalidade, os quais desvelam a memória rasurada pelo discurso da história oficial, a fim de tornar essa memória uma estratégia política para reconstruir um recorte da história do coletivo subalternizado do qual faziam – ainda fazem – parte.

A partir do capítulo “Prolegomena queer: gênero e sexualidade nos estudos literários”, o autor foca também a questão da sexualidade do sujeito representado em obras literárias. Neste capítulo, baseando-se em Michel Foucault (1994) e na relação feita por ele entre os conceitos “poder” e “sexo”, sugere-se que a categoria “sexo” não é uma constante universal, mas, segundo a lógica foucaultiana, um construto discursivo permeado pela historicidade. A necessidade de se pôr o sexo em discurso é amparada por diversas instituições (como a igreja, a clínica, a biologia, o direito e a psicologia), a fim de censurá-lo e constituir uma aparelhagem que possibilite a manutenção da sexualidade pelo poder estatal, determinando assim, através de estratégias, o que é lícito no campo das sexualidades e quais são os sujeitos ilícitos. Dentre essas estratégias, merece destaque a “psiquiatrização dos prazeres perversos” (FOUCAULT, 1994, *apud* ALÓS, 2017, p. 125), a qual produz o indivíduo pervertido, que por volta do século XIX, é denominado de sodomita (em especial o homem sodomita). Todavia, a partir de certo momento, passa-se a entender os prazeres perversos não como algo isolado que possa ser realizado por qualquer indivíduo, mas sim como o próprio elemento constituinte de determinados corpos, dos “sujeitos perversos”, o que dá lugar a existência do homossexual, que Foucault (1994) chama de “nova espécie” de sujeito.

Essas “perversões” foram forjadas conforme os discursos das instituições de forma a delimitar as zonas entre a sexualidade “saudável” e “natural” do sexo desregrado. Para chegar à questão da sexualidade relacionada ao conceito de gênero, Alós (2017) apresenta a ideia de que o corpo e o sexo “existem” na realidade e na natureza, mas produzem sentidos e significados somente quando são percebidos sob o viés da cultura. Eles tornam-se “compreensíveis” e “inteligíveis” ao mesmo tempo em que criam a hierarquia de gênero — quando o corpo masculino, “o homem” é associado ao sujeito universal, e a mulher é associada ao papel de “O Outro” da cultura, estratégia que garante a manutenção de um dos gêneros, o masculino, no topo dessa hierarquia.

Assim, Alós (2017) comenta sobre como os mecanismos sociais e discursivos (entre eles a literatura, o cinema, os anúncios publicitários e as telenovelas) são envolvidos na construção social do gênero, pois representam papéis definidos para homens e mulheres e contribuem para a construção das relações de gênero. Tais relações são perpetuadas ou transformadas a partir da manutenção ou da ruptura do “sistema sexo-gênero” (o gênero como interpretação sociocultural do dado biológico) produzidas pelas representações existentes nos elementos discursivos.

Na percepção das relações baseadas no gênero, o autor apoia-se na visão de Judith Butler (1993, 1999), que identifica a chamada “matriz heterossexual” — isto é, uma lógica discursiva hegemônica que propõe o sexo como fator biológico inquestionável. Desse fator derivam as noções de gênero e, conseqüentemente, do sistema sexo-gênero, que, através de um binarismo naturalizado com a categoria sexo, define a lógica binária do desejo como a única legítima (hegemonia da heterossexualidade), e esta, por sua vez, assegura, ainda, a manutenção da categoria gênero como forma de delimitação dos papéis sociais. Os corpos que “existem”, que possuem legitimidade para uma existência sociocultural, são os corpos heterossexuais, que cumprem seus papéis sociais; os demais, que fogem desses limites, são considerados “corpos abjetos” — espectro excluído socialmente que justifica e naturaliza a hegemonia da heterossexualidade.

Então, a partir de Butler (1993, 1999), Alós (2017) sugere que não pensemos o gênero apenas como a interpretação social da diferença sexual, como algo inflexível na constituição das identidades dos sujeitos, mas sim como uma “prática de citação” — quando padrões determinados por uma matriz heterossexual são repetidos socialmente, a fim de configurar e controlar as identidades constituídas dentro de um sistema de gênero. Daí o conceito, criado por Judith Butler (1999, *apud* ALÓS, 2017), de “performatividade do gênero” — as categorias de sexo e gênero como construtos performativos, que implicam “o reconhecimento de que não há uma essência transcendental relativa ao masculino e ao feminino, ou à homo, bi e/ou heterossexualidade” (ALÓS, 2017, p. 133).

A performatividade, entendida como política identitária de resistência, dá espaço para que surja a escrita política das homossexualidades na literatura — apresenta-se como mecanismo de representação, e criação discursiva, dessas identidades homossexuais —, mostrando que a utilização de categorias, como sexo, gênero, raça e desejo, permite ampliar as noções acerca de leituras e interpretações possíveis para os artefatos culturais. Um exemplo dessas relações de gênero representadas e construídas a partir de mecanismos discursivos é apresentado no capítulo “Madame Satã e a

encenação do feminino: um malandro travestido de vermelho”, em que se aborda o filme *Madame Satã*, de Karim Aïnouz (2002).

Segundo Alós (2017), a narrativa audiovisual de Aïnouz desloca as convenções de binarismos construídos e perpetuados por grande parte das narrativas culturais brasileiras, através de estratégias performativas e paródicas como constituintes de arranjos disruptivos de gênero, raça e sexualidade para a estruturação da obra. Nessa análise, é retomado o conceito de “performatividade do gênero”, quando Alós (2017) explica que, ao se travestir, o personagem protagonista do filme, João Francisco dos Santos, acaba por desestabilizar a relação entre sexo anatômico, identidade de gênero e performance de gênero, o que aponta para o caráter arbitrário de perceber-se a diferença sexual como o fator determinante para a constituição da identidade de gênero e, conseqüentemente, um sistema hierárquico de gênero baseado no determinismo biológico.

Para fechar o volume, no último capítulo, Alós (2017) apresenta o conceito de “heterotopia”, baseado na noção de Foucault (2001) que remete a “espaços outros”, em que a ordem social é colocada em suspenso e são constituídas identidades sociais outras – uma forma de contestação dos espaços sociais reais e representados. No campo da literatura, pensa-se em uma “heterotopologia”, um estudo desses espaços de alteridade através da representação realizada nas obras literárias.

Assim, por meio de um recorte do conceito foucaultiano, trata-se no decorrer do último capítulo sobre “heterotopias sexuais”, espaços sociais nos quais os preceitos da matriz heterossexual relacionados à produção de identidades são colocados em suspenso, “permitindo o surgimento de novas configurações de gênero e desejo” (ALÓS, 2017, p. 199). O autor destaca ainda que, a fim de afirmar a possibilidade identitária homossexual masculina, várias dessas heterotopias sexuais excluem a participação das mulheres, sejam elas heterossexuais ou não, perpetuando a manutenção patriarcal da exclusão e do silenciamento delas, o que acaba por retomar uma das discussões dos primeiros capítulos. De tal modo que Alós (2017, p. 213) afirma como

O conceito de heterotopia permite transitar em um universo pseudomisógino e desvendar ali aguda crítica à exclusão das mulheres na esfera pública; permite compreender melhor como as fissuras nos aparelhos ideológicos do Estado possibilitam o nascimento de subjetividades sexualmente subversivas; permite avaliar o papel de espaços underground na reconfiguração do erotismo através da resignificação de ideias como corpo, prazer e violência; permite, finalmente, a atribuição de um status crítico ao ciberespaço e uma mensuração – ainda que provisória – do papel das novas tecnologias sobre a literatura e a vida social do mundo contemporâneo.

O livro é, então, finalizado, apresentando as quatro forças motrizes que modelam o desenvolvimento humano desde o final do século XX: “o desenvolvimento científico, a formação de capital humano, a cultura e os processos de globalização” (SIRAGELDIN, 2003m *apud* ALÓS, 2017, p. 213), de maneira a mostrar que as representações calcadas na alteridade, em identidades outras, não funcionam apenas como a negação de um contexto social majoritariamente branco, burguês e heterossexual

— mas assumem o caráter da intervenção, de representar o mundo por outro viés, através de outras vivências, em especial as dos indivíduos relegados à subalternidade, e como eles se organizam coletivamente, construindo novos sentidos para práticas antes consideradas “socialmente abjetas” pela crítica tradicional literária.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo: masculinidades subversivas no romance latino-americano**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

ALÓS, Anselmo Peres. **Leituras a contrapelo da narrativa brasileira: redes intertextuais de gênero, raça e sexualidade**. Rio Grande do Sul: UFSM, PPGL; Brasília: CNPq, 2017.

ALÓS, Anselmo Peres; FELIPPE, Renata Farias de; SOUTO, Andrea do Roccio (org.). **Figurações do imaginário cinematográfico na contemporaneidade**. Santa Maria: PPGL-Editores; Brasília: CNPq, 2017. 220 p. Disponível em: <http://ieg.ufsc.br/public/storage/ebooks/29032017-0314140>. Acesso em: 27 set. 2020.

ALÓS, Anselmo Peres (org.). **Poéticas da masculinidade em ruínas: o amor em tempos de Aids**. Santa Maria: PPGL-Editores; Brasília: CNPq, 2017. 262 p. Disponível em: <http://ieg.ufsc.br/public/storage/ebooks/29032017-0303150>. Acesso em: 27 set. 2020.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”**. London: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. 10. ed. London: Routledge, 1999.

EAGLETON, Terry. **Marxism and literary criticism**. Berkeley: University of California Press, 1976.

EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1993.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1994.

FOUCAULT, Michel. Outros espaços: heterotopias. In: FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos**. Tradução de Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. vol. III p. 411-422.

GALVÃO, Patrícia. **Parque industrial**. 4. ed. São Paulo: José Olympio, 2006.

MADAME Satã. Direção de Karim Aïnouz. Produção de Isabel Diegues, Mauricio Andrade Ramos, Walter Salles, Marc Beauchamps, Donald K. Ranvaud, Vincent Maraval, Juliette Renaud. Roteiro: Karim Aïnouz. Rio de Janeiro: Programadora Brasil, 2002. 1 DVD (105 min.), son., color.

PRATT, Mary Louise. Comparative literature and global citizenship. *In*: BERNHEIMER, Charles. **Comparative literature in the age of multiculturalism**. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1995. p. 58-65.

SIRAGELDIN, Ismail. Sustainable human development in the twenty-first century: an evolutionary perspective. *In*: SIRAGELDIN, Ismail. **Sustainable human development**. Oxford: EOLSS Publishers, 2003. A book of Encyclopedia of life sustainable systems (EOLSS), developed under the auspices of the UNESCO.